





UM
CORAÇÃO DE MULHER

POEMA-ROMANCE

POR

JOAQUIM SERRA.

1867.

UM CORAÇÃO DE MULHER.

~~~~~  
Typographia de B. de Mattos, rua da Paz, 5 e 7.  
~~~~~

UM
CORAÇÃO DE MULHER

POEMA-ROMANCE

POR

JOAQUIM SERRA.



SAN'LUIZ DO MARANHÃO.

1867.

AO ILLM. SENR.

FRANCISCO SOTERO DOS REIS

MUITO DISTINCTO LITTERATO BRASILEIRO,

MEO MESTRE E AMIGO RESPEITAVEL.

O AUTOR.

CANTO I



Como correm as agoas turvas
Com o repiquete do rio!
As ingaranas, que curvas
Estavão das ribanceiras.
Vão agora em corropio
Boiando á esmo, ligeiras.
Cahio o sol no poente:
Ao longe canta a nambú:
Vogando sobre a corrente
Nem uma canôa existe.
Como é bello, embora triste.
O rio Itapicurú!

Quebra o silencio da tarde
Dos insectos o zumbido
E do vento o farfalhar:
No monte um roçado arde.
E faz ouvir o estalido
Da folha secca á queimar!

N'um descampado terreiro,
No qual se eleva um pombal,
Tendo ao lado um gallinheiro
E mais no fundo o curral,
Passeia á passos contados,
Curvo ao pezo dos cuidados,
Um idoso camponez,
Barba branca, longa, bella
Fronte adusta, rugas n'ella,
E no rosto a pallidez!

A vista se apraz ás vezes

N'uma figura tão calma!
Transparecia-lhe a alma
Dos olhos na frouxa luz.
E, máo grado os seos revezes,
O velho tinha a doçura
Dos que soffrem e na amargura
Não deixão a sombra da cruz!

As caus que ornavão-lhe a frente
Erão uma coroa fulgente.
Assim da rocha escarpada
No topo se enlaça a bruma,
Ou paineira esbranquiçada
Co'os flocos da sumauma!

O velho mais se embrenhava
Em sua melancolia,
Cruzava à passo o terreiro.
E já era Ave-Maria.

Debalde o seu perdigueiro,
Que pelo faro o buscava,
Chegava a elle festeiro,
E vendo-o triste, ladrava!

De repente o velho pára,
Do rio sóbe um barulho,
Não é da onda o marullio
Ao nadar da capivara.
Prêsta ouvidos muito attento,
Não se enganou, não é falsa
Essa harmonia que ouviu;
Soa um canto triste e lento,
E lá na volta do rio
Córta as agoas uma balsa

Mais a balsa se aproxima,
Mais o semblante se anima
Do merencorio ancião.

Prende os olhos, prende a ideia
Nesse ponto e o peito arqueja
Com a funda respiração!

Embora busque o remanso,
A balsa vem com presteza;
Dá aos vareiros descanso
Das agoas a correnteza.
Um canto rude e ligeiro
Todos cantão com voz lenta,
Ao compasso do tambor:
Queixosa a trova lamenta
Rigores do captiveiro.
Sandades de um terno amor!

O velho da ribanceira
Sentia um doce conforto,
Vendo que a balsa certa
Vinha em demanda do porto.

Com expansiva alegria.
Com desusada energia
Acelera o tardo pé:
Não é o homem de ha pouco,
Sahe-lhe da bocca um som rouco,
Mas do prazer esse é!

Antes, porém, que chegasse
Do porto junto ao mourão,
Já tinha n'um estreito enlace
Conchegado ao coração
Um mancebo, que saltára,
E em seos braços se atirára.
—Filho!—Pae!. E correm francas
Dos olhos nas barbas brancas
Lgrimas quentes do pae!
E do semblante do moço.
Que lhe está prezo ao pescoço.
Tambem o pranto descahe!

De falar nenhum tem pressa,
 Calados olhão-se os dous,
 O velho abana a cabeça
 E interroga depois:

—Nada?—Nada! esta viagem
 Como a outra foi baldada. .
 Parti com tanta coragem,
 Fui mais longe. —E achaste? —Nada!
 Ao filho dá elle o braço,
 Caminhão com lento passo.
 Até defronte do lar:
 Passeião de lado á lado.
 Cada um mais concentrado
 N'um profundo meditar!

Quasi em soluços sumida
 Assim desprendeo-se a voz
 Do velho, fronte abatida,

Falando como que a sós:

«Erão dous! Ambos criados
 «Com tanto esmero e ternura,
 «Filhos de minhas entranhas,
 «Que eu amei mais do que á mi! .
 «Possuo um só! Meos cuidados,
 «As minhas penas tamanhas
 «Indicão que a desventura
 «Hospedou-se agora aqui!

«Erão dous, porem meo seio
 «Prendia-os n'um mesmo nó! . .
 «Minha alma partio-se ao meio
 «Ficando comigo um só! .

«A outra. flor delicada
 «Com tanto mimo guardada,

«Minha candida cezem!
«Deixou ermo o seo canteiro,
«Foi nas azas do pampeiro
«Levada por hi além!.

«Criar um pae com delicias
«Um anjinho, seo consolo,
«Adormental-o no collo,
«Repartir-lhe mil caricias. . .
«Vel-o crescer de anno á anno
«Tranquillo, feliz, ufano,
«Porque esse thesouro é seo.
«Ver a velhice com calma,
«Pois tem para ameigar-lhe a alma
«Uma enviada do ceo!
«E quando um dia desperta,
«E busca o anjo do lar,
«Encontra a caza dezerta
«Vazio encontra o altar!
«O pobre velho em delirio

«Transido de dores cahe.
«Perdeo o jardim seu lyrio.
«A filha deixou seo pae!.
«Senhor Deus, porque fizestes
«Tão grande o paterno amor,
«Se aos nossos filhos não déstes
«O mesmo affecto, Senhor?

Em soluços suffocado
Exhausto pelo desgosto,
Pela agonia vergado,
Elle assentou-se cançado,
Com as mãos occultando o rosto!
O filho o seguia mudo
Pensativo e carrancudo,
Sem podel-o consolar.
Vendo o martyrio paterno,
Furacão medonho interno,
Elle sentia bramar!

Era um mancebo franzino,
Face de moça gentil;
Era ha trez annos menino,
Não tinha aspecto viril.
Mas sua alma temperada
Nas virtudes mais austeras
Dava-lhe idade maior,
E, máo grado as primaveras,
E a apparencia delicada,
Era um homem no valor! . . .

O velho pae aturdido
Na dor que o falar lhe embarga,
Chora mizero e infeliz! . . .
Côm voz cavernosa e amarga.
E o semblante enrubecido
A elle o mancebo diz:

«Meo pae não sabe a agonia

«Que eu sinto por vel-o assim!
«Sei que fugio-lhe a alegria,
«Como ella fugio de minu!
«Mas o pranto de que serve
«Antes que o braço se enerve
«E que falleça o vigor?
«Se a filha ingrata faz pena.
«O aspíde que a envenena,
«O que merece o traidor?

«Lagrimas só! A dor langue,
«Suspirosa no tormento?
«Não! que a divida quer sangue,
«Esse é o justo pagamento!
«A honra nossa, essa herança,
«Thesouro em nossa pobreza.
«Legado de honrados pais,
«Porque uma douda creança
«Nella tocou com leveza
«Não será thesouro mais?

«Maldito o que enlucta o tecto
«Onde achou sincero abrigo!
«Que mentio sagrado affecto
«Mostrando rosto de amigo!
«Seducitor, que o crime encobre,
«E que desvendou-se tarde,
«Hospede ingrato e vilão!
«Manchaste a caza do pobre.
«Como o assassino cobarde,
«Que fôre escondendo a mão!

«E, ha um anno que o crime
«Vive folgando talvez!
«Tal pensamento me opprime.
«Centuplica o meu revez!
«Chorei muito, mas agora
«Estanques os olhos são.
«Em mim outra ideia mora.
«Menos pranto, mais accção!
«Eu sou um homem, não posso

«Neste infortunio que é nosso
«Ficar inerte à chorar!
«O homem de bem não cança
«Sem ter tomado vingança.
«Deixai-me, senhor, obrar!

«Pae, a dor que vos consome
«É igual ao meo afan,
«Devo guardar vosso nome,
«Vossa filha. minha irmã!

Todo paixão e nobreza,
O moço, n'esse momento,
Tinha na voz a firmeza
Do mais varonil accento!
A viva, negra pupilla
Chameja, queima, scintilla
Como um corisco que cahe.
Em quanto, sem lenitivo.

Quazi estatua, semivivo
Se inclina opprimido o pae.

A mesma dor os offende,
Beberão o mesmo amargor
Mas um á dor não se rende,
O outro se rende á dor!
Assim na matta altaneira
A ventania dispara,
Curvando a velha palmeira
Erguendo a novel taquara!
A Velhice! a Mocidade!
Vida gasta e vida cheia!
Um a fé, outro a saudade.
Aneis da mesma cadeia!
Forte aquelle que coméça
Da vida a rota fatal;
Fraco o outro que tropeça
Da eternidade no umbral!

Apóz um silencio curto
Limpa as lagrimas a furto
O velho, dizendo assim:
«Queres partir! não te impéço. .
«Ai, por ventura, eu mereço
«Ter um filho ao pé de mim?

«Velho, o teu fado é mesquinho.
«É bem digno de dó!
«Teos filhos seguem caminho
«Atraz deixando-te só.
«De que serve esta existencia
«D'um pae cahido em demencia?
«É embaraço para os seus.
«Queres partir? vae. adeus! . . .

«A abandonada tapera,
«Onde hoje se enrosca a hera
«Alegre já foi tambem. . .

«Teve flores, teve galas,
 «Teve ruido nas salas,
 «Hoje não busca-a ninguém!

«Queres partir! segue o trilho
 «Que pretendes. . . sê feliz!
 «Se um pae não deixa seo filho,
 «Pódes deixar-me. Luiz!

—«Porque a dor vos cega tanto,
 Ai, que injustiça, meo pae!—
 E curvado aos pés do velho,
 O moço dobra o joelho,
 Confunde o paterno pranto
 Com o que dos olhos lhe cahe!

Ficarão mudos á espaços :
 Depois o velho se ergueo,

Apertou-o nos seus braços.
Falou olhando para o céu:
«Senhor Deus e pae celeste.
«Meo filho, meo filho é este
«Olhae-o com protecção!
«Bordão de minha velhice,
«Desculpa quanto eu te disse
«Não falou meo coração!

«Não sabes? fico sem tino
«Quando falas em vingança!
«Tu, meo Deus, pobre creança.
«Tão innocente menino!
«Fica comigo e confia
«Na justiça do Senhor!
«Hade exaurir-se algum dia
«Este calix de amargor!

«Quando a rola na campina

«Vê em seo ninho ferina.
«A garra do gavião.
«Sentindo os filhos roubados.
«Com suspiros magoados
«Pôvca triste a soidão!

«Eu me contente com o choro,
«Pois não pôsso maldizer;
«Se não queres fazer côro.
«Deixa o meo pranto correr!
«Da fillia minha a ternura
«Jamais me heide esquecer.
«Se foi-me ingrata inda dura
«O paterno bem-querer!

—Mas elle, pae, o infame,
Que quebrar veio o liame
Que a todos prendia aqui?
Pois é crível que o insulto.

Em mágoas fique sepulto.
 Impune o perverso assi?
 É isso o que me amofina.
 E me perturba a razão.
 Porquanto a infeliz menina
 Merece mais compaixão!
 O monstro sem ter castigo,
 Zombando d'este revez!—

«Contas em pouco Rodrigo
 «E o juramento que fez!
 «Partindo affirmou que havia
 «Trazer-me a filha adorada,
 «Que o seductor pagaria
 «Seo crime, e seguio jornada,
 «Da fuga no mesmo dia!
 «Tenha fé, foi essa a phrase
 «Que elle disse em tal manhã. .
 «É elle meo filho quaze,
 «Quaze irmão de tua irmã!

«Orphão por mim educado,
 «Aqui cresceo, aqui vive
 «É feliz ao nosso lado,
 «É mais um filho qu'eu tive!
 «Debalde buscas ha um anno
 «Noticias d'elle. não ha!
 «Sempre o mesmo desengano.
 «E este tormento insano,
 «Meo Deus, quando findará?

... ..

Calou-se o velho, com o filho
 Mudo, abstracto passeia . .
 Da lua o primeiro brilho
 A ribanceira prateia.
 Fala n'um doce repouzo
 Só do silencio a harmonia:
 Sobre as copas das palmeiras.
 Como um fructo mysterioso
 D'essas mattas altaeiras.

Surge a lua com magia!

... ..

Quando no céu sem esforço

Ella placida se ergueo,

Vio na terra um velho e um moço,

Que oravam com as mãos para o ceo!

CANTO II



Amanheceo tão festiva
A caza branca do outeiro!
Nos mais dias tão vazia,
Tão despida de rumor.
Porque hoje no ferreiro
Vaga inquieta comitiva.
Com tão ruidosa alegria
Da caza branca em redor?

Raramente uma janella
Por descuido vê-se aberta,

Feixada sempre a cancella
Da eira que jaz dezerta!
Às vezes, quando é sól posto.
Com a mão encostada ao rosto
Vê-se um vulto no jardim.
Outras vezes pensativa
Uma sombra muito esquiva
De manhã passeia ali!.

Gema triste a sururina,
Cante alegre a pequapá,
Sempre o vulto da collina
Na mesma tristeza está!
Entretanto, uns boiadeiros,
Quando passavão, ha alguns mezes,
Muitos risós prazenteiros
Ouvirão ali varias vezes!
No jardim sorriam as flores,
Na caza cantos de amores,
Doce harmonia no ar. . .

E, d'este mundo esquecido.
Naquelle ninho escondido
Vivia amoroso par!

Quando passava cantando
O tangedor da boiada,
Sempre via debruçada
Linda moça no gradil,
Tendo ao lado com ternura
Seo amante a enlaçando
Pela delgada cintura,
Formando um quadro gentil!

Quanta vez, na quente sêsta,
Batendo o sol no areal.
Elles dons ali sósinhos,
Se embriagavam em carinhos.
E era um dia de festa
Á sombra do jussaral.

Mas esse viver tranquillo,
Essa mutua felicidade
Já auzentou-se da herdade.
Em procura de outro azilo.
Os boiadeiros de agora
Não vêm os quadros de outr'ora,
De ha poucos mezes atraz;
Os mattos estão crescidos.
A caza não tem ruidos.
Em triste silencio jaz!

Porque foi? parece um sonho!
Que mudança! que mysterio!
O sitio que era risonho
Ficou ermo cemiterio!

E apoz mudança tão viva,
Do feliz tempo primeiro.
Porque hoje está festiva

A caza branca do outeiro?

Ai, a alegria passada
Era ventura entranhada,
Filha da paz e do amor
Essa de hoje é bem fugace.
Riso que se vê na face
Sem riso ou echo interior!
Semelha o ornato postiço
Da parazita em festão.
Na estaca nua, sem viço.
Sem ter raizes no chão!

..... ..

Em baixo d'umas mangueiras,
Mui copadas e altaneiras.
Distantes da habitação,
Algumas redes armadas,
Fortemente balançadas,

Prezas nos troncos estão.
Nesse sitio, que alvoroço!
O velho, a creança e o moço
N'uma rede, aos dous e trez!
Que algazarras diversas,
Uma hora alegres conversas.
Gritos, pragas outra vez!

Na areia um menino rôla
Fazendo affagos a um cão:
Tóca e canta na viola
Mais adiante o seo irmão.
Um papagaio ensinado
Grita e fala esfomeado,
Tornando a bulha maior!
Alforjes, canastras, sellas,
Brides, silhas e fivellas,
Estão esparsos derredor.
Muitas mulheres formosas
De floridas primaveras,

Muitas outras horrorosas
Avelhantadas megeras!
Com muitas rendas e fitas
Estas se fazem bonitas
No caprichoso trajar!
Aquellas, quazi despidas,
No canto estão encolhidas,
Ninguem as póde fitar!

Os home■s todos armados,
É um ambulante arsenal!
De prata e ouro adornados
O clavinote e o punhal!
A mór parte está assentada
Na porteira do quintal;
Pasta sôlta a cavallada
No meio do capinzal!

Filhos do sol e serenos.

Rostos queimados, morenos.
 A tropa toda é assi!...
 Mas, que caravana é essa,
 Qué parece não ter pressa
 E vem repouzar ali?
 São os errantes ciganos,
 Que enfestam a nosso sertão.
 Passam-se annos e annos
 E sempre em viagem estão.

... ..

E a caza branca no emtanto
 Parece que está festiva,
 Porque se hospedou á un canto
 A bulhenta comitiva!

Mas a caza está feixada,
 As rotulas verdes descidas,
 E solitaria a varanda

D'onde se avista o quintal. . .
Apenas lá da outra banda
Duas janellas corridas,
Indicam ser habitada
Essa caza sepulchral!

Uma vista penetrante,
Que pela janella entrasse.
Talvez que cauza bastante
Para esse mysterio achasse!
Na sala muda e sombria,
Junto a uma meza de escripta,
Acazo lê ou medita
Lindo archanjo de poesia?
Olhos tristes, azulados,
Ternos, langues e pizados,
Fitos á tôa, indecizos!
As louras tranças sem flores,
A face branca sem côres,
A bocca breve sem risos!

Triste e só! que dor foi essa.
Que assim dobron a cabeça
D'aquella rosa de amor?
Que negro vampiro suga
O mel, a seiva, e enruga
A pétala d'aquella flôr?

Póde acazo a desventura
Tornar sua eterna preza
Alguma filha do céo?
Como é que tanta amargura
Envolve tanta beleza,
E é o apanagio seo?

Pois, além de anjo triste,
Da mizerrima Eloah, .
Acazo no ceo existe,
Soffrendo agonias lá,
Outro archanjo, que da terra

Á occulto amor não reziste.
Que do Elysio se desterra.
E fica a vagar por cá?

Não; e é isso que assegura
Ser terrestre essa beldade.
Mão grado a santa doçura
E a inefavel bondade
Da angelical creatura!
Tão moça; menina ainda,
Com tantos signaes de pranto!
Tão innocente, tão linda,
E mostrando soffrer tanto!

Julguei qu'impossivel fosse
A dôr encontrar abrigo
N'uma alma singella e doce
Tão incapaz de castigo.
Cópia da santa mais bella.

Se a santa não é cópia d'ella!

Aquelles olhos pizados
Já foram brilhantes sóes,
Do ceo mostravam os caminhos
Como luzentes pharóes!
Agora quazi apagados,
Têm um fulgor agoureiro,
E na vereda de espinhos
Se emmaranha o caminheiro!

Aquelles labios tristonhos
Já foram labios risonhos!
D'essa bocca pequenina
Cada fala era uma flor.
Era estrella diamantina
Cada riso seductor!

Então, a face serena
Tinha a mesma pallidez,
Mas, com a limpida assucena.
Brilhava a rosa por vez!
Do sangue subia um raio
A illuminar-lhe o desmaio!

A funda melancolia
Não seguio-a desde a infancia,
Deus não fel-a triste assim.
Houve na sorte inconstancia,
E se perdeu a alegria
É de homems obra ruina!

.. ..
.. ..

E, no apozeno dezerto.

Ella calada se abysma
Em funda e dorida scisma.
Sem olhar o livro aberto!
Instantes apoz, com pauza,
Foi encostar-se á janella.
Suspirou. — quem sabe a cauza
D'aquelle suspiro d'ella?
Mão na face, olhos na estrada,
A tudo o mais indifferente;
E a scisma tão cogitada
Recomêça novamente!

Se achava fãõ absorta
Em sua meditação,
Que um grupo parou na porta
Sem ella dar attenção!
Muitas ciganas do bando,
Que o sitio estavam rondando,
Em torno da habitação
Vendo-a junto da janella

Approximam-se e com ella
Procuram conversação:

—«Salve a bouina do outeiro,
«Tão formosa em seo abril!
«Virgens do ceo, que luzeiro!
«Que branca pomba gentil!
—«Benza-a Deus, moça bonita
«Com esses encantos seus!
«O ceo lle dê muita dita,
«Menina, benza-lhe Deus!

A moça assim sorprendida
Teve o susto de um momento.
Mas, logo apoz commovida,
Ella paga o cumprimento.

—«Minha fidalga formosa.

«Não está por ventura em caza
 «O fidalgo seo marido,
 «O capitão seo papá?—
 Da moça o rosto se abraza,
 Curva a fronte vergonhosa,
 E diz em tom comprimido:
 —Nenhum dos dous aqui está!»

—«Pois sôsinha, e não tem medo.
 «Beija-flôr d'este sertão!—
 —Por traz d'aquelle arvoredô
 Da caza os servos estão. . .—

—«Guarda-te o ceo bem cioso,
 «Estrella da madrugada!
 «Quão invejado é o esposo
 «D'esta joia delicada!
 «Bocca feita para beijos,
 «Onde se farta afauroso

«O sitibundo amator!
 «Olhos de ternos lampejos.
 «Face divina de fada,
 «Thesouro de immenso amor!—

Ai, em quanto essas mulheres
 Repetiam taes dizeres.
 Suppondo á moça agradar,
 Esta, os olhos desviando,
 Sorria, e de quando em quando
 Com o riso estava a chorar!

—Sois boas, sois lisongeiras. . .»
 Ella diz, antes que vejam
 O pranto que a face orvalha.
 Prenuncio de sua dôr
 —Vós e as vossas companheiras.
 Se alguma couza desejam,
 Pedi na caza de palha,

Ali defronte, ao feitor!—

—«Além de tanta lindeza.
 «Minha encantada princeza.
 «Sois generosa também!
 «Que soberba maravilha!
 «Feliz a mãe de tal filha!
 «Outra assim não tem ninguém!

—«É invejável a sorte
 «Do vosso terno consorte!
 «Quando Deus assim derrama
 «N'uma alma tantos primores.
 «O ente amado se ama
 «Sempre é feliz nos amores!—
 Ella interrompe anciada:
 —«Não precizão de repouzo
 Apoz tão longa jornada?—
 —«Contemprar-vos nos dá gozo.—

—Mas partis? . — «De madrugada.
«Se o dia não fôr chuvoso.—

—Vê Josefa, que mãosinha,
«Se assemelha a um bogarim! .
«Por baixo da camizinha,
«Vê que braços de marfim!
«Sois uma santa da igreja,
«Não podeis ser sertaneja,
«Pois vos pertence um altar .
«Palavra, que se deseja
«Ser assim, e cauza inveja
«O homem que vos amar!»

«Tambem é filho da roça,
«Lavrador singello e rude,
«O dono da linda moça?—
Mas esta a pergunta illude:

— Não fostes inda ao vaqueiro
Pedir leite, pedir queijo.
Se tendes esse desejo,
Ide lá, que elle vos dê,
Móra na falda do outeiro,
A caza d'aqui se vê. —

— «Vamos já, sem mais detença;
«Mas, se a menina capricha
«Em tantos presentes dar,
«Vamos lèr-lhe a buena-dicha,
«E essa bondade immensa
«Assim queremos pagar.

— «Vamos já, bella menina,
«Queremos lèr sua sina
«Na mão alva e pequenina,
«Será esse o nosso adeus!
«Quando a cigana affiança

«A um anjo muita bonança,
«Póde-se ter confiança,
«Não mentem os avizos seos!

—Agradeço essa leitura,
Vou trabalhar na costura,
Que me chama minha irmã!
Não póssó agora. . . mais tarde,
Vou lá dentro, Deus vos guarde,
Até breve, até amanhã!—

—«Regeitaes a prophacia!
«Tambem ella o que diria,
«Que não fosse realidade,
«Por vós conhecida já?
«Se vos cobre com seo manto
«O genio da felicidade;
«Nem mão ollhado ou quebranto
«Tal destino mudará!

«Deus prolongue a vossa dita,
«Pois sois boa e sois formosa.
«Adeus, menina bonita,
«Adeus, delicada rosa!

E o grupo ruidoso desce
A collina com alegria,
E a moça ali permanece
Em sua melancolia!
Do pranto, que cahe em gottas,
É completa traducção
Algumas phrazes que rotas
Lhe escapam do coração:

—«Pae . . . esposo . . . felicidade!
«Bençam do ceo . . . innocencia.
«Constancia de eterno amor!
Dobrou do pranto a vehemencia
Mágoa maior que a saudade,

«Dôr sem nome, immensa dôr!

Para aquelle desconforto
 Só do céu um emissario...
 Consolo do anjo do Horto,
 Antes que chegue o Calvario!

...

Descançado cavalleiro,
 Que vens das bandas d'alem.
 Porque não andas ligeiro,
 Se és um nuncio do bem?
 No teu fogoso ginete
 Com força as esporas mete:
 Corre, corre a bom correr.

Pelos campos te arremessa,
Mais depressa, mais depressa,
Vôa, se o pôdes fazer! . . .

Se tu levas a ventura,
Porque és amante esperado,
Vôa, que a vida não dura
Mais que um instante apressado!
Se tens um peito que bate
Só por ti, terno e fiel,
Crava mais fundo o acicate
No teo tardio corcél!
Se acazo o mundo enganoso
Quér demorar-te por lá,
Quem tem amor extremoso
Tem tudo o que o mundo dá.

A vida é isso, gozae-a
Em completa embriaguez,

Mais vive quem mais desmaia
De amores na languidez!
N'uma vida duas vidas,
Uma loucura para os dois,
As almas tão confundidas,
Que as não conheças depois!

Vivo amor com intensidade
N'esta existencia é preciso.
São sonhos da eternidade,
São vôos ao Paraizo!
Anda, aproveita essas horas,
Se tens coração fiel,
Crava mais fundo as esporas
No teu tardio consel!

Corre, vòa, cavalleiro,
Pela campina arenosa,
Na caza d'aquelle outeiro

Alguem te espera saudosa!
Mas o mancebo parece
Que prefere ir de vagar,
A marcha mais esmorece.
Não tem pressa de chegar!
Açouta os ares brincando
Com o junco que traz na mão,
Flores e folhas saltando
Vão dos arbustos ao chão.

Emfim, chegou á porteira,
A casinha está defronte,
Pôz o cavallo á carreira,
Subio velozmente o monte...
Quando apeiou-se, nos braços
Linda moça o enlaçou,
Deram juntos alguns passos;
Depois ella assim falou:

—«Foi grande a tua tardança!»
—Eu bem sei. não digas nada,
Com isso mal me farias,
Sem do mal eu ser autor!—
—«Mas que século! quatro dias!
«Ai, não me chames creança,
«Pois julguei-me abandonada,
«Chorei muito, meo amor!

—Creança! pôsso deixar-te?
Não sabes que em toda parte
Comigo unida hasde estar?
A distancia é uma chiméra,
Pois, quem ama considera
Todo o mundo um só lugar!—

—«Seja embora, mas não pôsso
«Viver distante de ti.
«Esta caza é o mundo nosso,

«Porque não vives aqui?
«Se deixei o lar paterno,
«Se reneguei do passado,
«Surda às vozes da razão,
«Foi para estar á teu lado.
«Para seguir-te ao inferno,
«Junto ao teu meo coração!

«Tu vês que nada eu te digo,
«Que não chamo em meo auxilio
«Os sacrificios que fiz. . . .
«Em paga, vive comigo,
«Não me deixes n'este exilio
«Sem ti eu sou infeliz!

«Tive um sonho, um sonho louco!
«Vi-me só, n'este lugar. . .
«Ai, Carlos, custa tão pouco
«Deixar-se um homem adorar!

—Dá-me inteira confiança,
Que esses agouros t'ó vedam,
Não sejas assim creança,
Quando eu me auzento é mister
Nós homens temos labores,
Cuidados que nos arredam
Do pé de nossos amores,
Do regaço da mulher!—

—«Cuidados, tu?!. não sabia!.

—«Essa pergunta innocente
Só terna amante a faria!
Pois não sabes, minha Iiguez,
Que, para que viva a gente,
É que o trabalho se fez?

—Não sabes, que fugitivo
De minha familia estou,
Desde o instante que captivo

O teu amor me tornou?
Que longe dos meos eu vivo.
Para poder adorar-te
Ninguém vê-me em outra parte,
E que abastado eu não sou?
Agora mesmo. .—E offegante
Em meio a phrase cortou. .
Ignez nos olhos do amante
Os olhos azues fitou.

—«Agora mesmo. .» murmura
A interrompida expressão,
«Porque paraste? é segredo?
«É nova de má ventura?
«Fala, fala, tenho medo
«D'essa brusca suspensão!
—Medo de que? não é nada,
Não fiques tão assustada,
Desterra o falso terror;
Vou fazer uma viagem,

É preciso ter coragem
Afin que eu tenha valor!—

—«Vaes partir!..» Com voz sumida
Profere tremula Ignez.
E da face esmaecida
Mais se augmenta a pallidez!
«Falas de nova partida,
«E mal chegaste, bem vês!..

—Vim dar-te um beijo sómente,
Partirei incontinente,
Sellado o cavallo está..
É negocio de importancia,
Não te importes com a distancia,
Sou teo aqui como lá!

Vae n'isso a nossa fortuna,

É occasião opportuna
De firmar nosso porvir . .
Me demóro poucos mezes,
Te escreverei muitas vezes,
Deves tal couza applaudir! . .
Eu não sou interesseiro,
Porém hoje a minha sorte
É tua, seja qual fôr.
É necessario. sê forte.
Vou ao Rio de Janeiro,
Mesmo em bem de nosso amor!—

Ignéz muda, immovel, fria
Estas palavras ouvia.
Não era a tranquilla calma
De quem pezares não tem,
Mas, d'agonia d'essa alma
Não via os signaes ninguem! . .
Que longo silencio esse.
Apenas um olhar sombrio,

Longo, agudo, perspicaz,
Sobre Carlos despedio,
Como se ella sorprehendesse
Um pensamento fallaz
Nas fallas que ha pouco ouvio!

Disse ella emfim: «Pois me deixas,
«Por tanto tempo e não queres
«Que eu solte sentidas queixas,
«Que eu tenha prantos na voz!
«Olha, nós outras mulheres,
«Com pouco nos contentamos:
«Basta que os homens que amamos
«Não se aborreçam de nós!

«Se longe d'aqui te chama
«O brilho de uma fortuna,
«Leva aquella que te ama
«E a riqueza não desuna

«Dous entes que estavam unidos,
«Dous sensíveis corações,
«Antes que ouvissem os ruidos
«De suas mil seducções!

«Partes. leva-me contigo,
«Ai, não me deixes sósinha!
«Aqui eu corro perigo,
«A teu lado a sorte minha
«É bem feliz, meo amigo!
«Não te embaraço a jornada,
«Calada teos passos sigo,
«Leva, leva a tua amada! . .
—Essa prece é caprichosa,
É um pensamento louco . . .
Será breve a minha vinda,
Vou andar por longos máres,
Muitos perigos correr.
Não pôsso mostrar-te ainda,
Á meo lado como esposa.

Quando eu voltar, dentro em pouco,
Vás comigo ante os altares
E havemos juntos viver! . . .

D'este sitio tens receio ?
Tal ideia d'onde veio
Sem fundamento e razão?
Mas, se queres, tenho em mente
Um projecto . . .—E de repente
Estacou com indecizão!

—«Um projecto! e qual é elle?»
Diz Ignez soltando um ai:
Frio suór cóbre a pelle,
Da bocca o sopro retrahê.
«Fala. faço o que quizeres. . .»
«Quanto digas é bem dito.
—Acho melhor que me esperes
Lá na caza de teo pae! . . .—

Sobre um banco de granito.
Convulsiva, dando um grito.
«A moça desmaia e cabe.

..

..

Quando ella tornou a si
Já Carlos não estava ali.

Flôr sem mel, anjo sem azas,
Córou de vergonha e dôr!
Tinha as faces como brazas,
Esse cadaver de amor!

Vio-se em vereda de abrolhos.

Chorosa encarou o ceo!
E depois tapou os olhos,
Da caza correo. correo...

CANTO III



Venham vêr como é formosa
Na campina a madrugada,
Com a face tão còr de rosa,
De fresco pranto orvallhada!
As madeixas do arvoredó
Fazem um doce rumorejo
Da viração ao sabor;
Tráz cada briza um segredo,
Que vae depôr, dando um beijo,
No seio de cada flôr!

Tanta gotta cristalina
Adorna agora a floresta!
Com quantos diamantes rutilos
Ella hoje amanheceo!
Assim desperta a menina.
Que, tendo vindo da festa.
Dormio sem tirar as perolas
Que nas tranças esqueceo!

Que perfumes na folhagem!
Que murmurios na lagôa
Bonançosa, que ali está!.
Grata harmonia na aragem
Vem das brenhas, onde entôa
Seos hymnos o sabiá!

Do sol um raio allumia
Scena de tantos primores.
Venham vêr saudar o dia

As aves, a briza, as flores!

.....

Minha alma fica expansiva
 No meio d'estas montanhas!
 Amor fundo, das entranhas
 A ellas me liga e prende!
 Este amor, ternura viva,
 Quem fôr do campo comprehende!

Eu amo a vida modesta
 Que se goza no sertão:
 Eu amó a virgem floresta
 Do meo patrio Maranhão!
 Lá passei serenos dias,
 De tão gratas alegrias
 Como não tenho máis, não!

D'esse tempo quando eu trato,
Tenho saudades do matto,
Pulsa mais meo coração!

Floresta inculta e sombria,
Ermo que me vio nascer,
Amo-vos muito, hoje em dia
Outro amor não quero ter!.

Que dias tão bem passados,
A divagar pelos prados,
De florinhas ennastrados,
Com mais graça, que os jardins!
Na caçada costumeiro,
Sosinho, sem companheiro.
Atraz do veado galheiro,
De um bando de jacamins!

Aquellas noutes do campo!
Umás brancas pela lua,
Outras de brilhos tão nua,
Só com a luz do pirilampo!
Cantigas em desafio
Já na eira, já no rio,
Máis longe ó som do tambor!
De cajueiros no centro
Nossa cazinha, e lá dentro
Doces conversas de amor!

Floresta inculta e sombria,
Selva, que me vio nascer,
Amo-vos muito, hoje em dia
Outro amor não quero ter!

Não ha terra mais florida,
De mais amenos verdores
Que a minlia terra natal!

Nosso bosque tem mais vida.
Nossa varzea tem mais flores.
 Disse uma lyra immortal!

Campos de tantas palmeiras,
 Palmeiras do meo sertão,
 Montes, rios, cachoeiras
 Do meo patrio Maranhão,
 Levem as auras mais ligeiras
 Até vós minha canção!

..

Vem aqui morrer a estrada:
 A planicie é descampada,
 Extensa, larga, sem termo...
 Uma ou outra cazuarina
 Campeia n'aquelle ermo,

Sobre a relva esmeraldina!
No campo se cruzam as trilhas
Como veias de um ramal;
Parecem boiantes illas
As moitas do matagal.

Fulgem n'algumas touceiras
As incultas violetas;
Pairam em torno aventureiras,
Variegadas borboletas.

N'essa campina perdida,
Entre arbustos escondida,
Vê-se uma pobre cabana;
Pois d'esse dezerto em meio,
Como é que abrigar-se veio
Aquella morada humana?
Tão tosca, não é caiada,
Feita de terra vermellha,

Não é coberta de telha.
Mas de pindoba entrançada.

Em baixo de uma latada,
Que fica á choça encostada,
Quatro meninos estão;
Na porta uma velha idosa
Revolve com a mão calosa
As cinzas frias no chão!

A fogueira, que ali estava
Durante a noute accendida,
Debalde a velha assoprava.
O fogo não tinha vida.
Faziam bulha as creanças;
Esta fugia, esta vinha
Travessas n'esse brincar!
Formam coros, formam danças,
Pedem a benção á avosinha

Que os vê de longe saltar:

—Rapazes, deixem-se d'isso,
Já deram graças á Deus?
Hoje é dia de serviço,
Moderem os brinquedos seos.

—Antonio, chega na fonte,
Traz agoa no caldeirão,
Tu, Francisco, leva o sacco.
Vae na baixa ali defronte,
Arranjar-me algum cavaco
Para acender o fogão,
Colham na cêrca a hortaliça,
Vocês dous, Pedro e João.
Vamos, não haja preguiça,
Que eu aqui estou com attenção.
Basta, basta de folguedo.
—«Avózinha, inda é tão cêdo,

«Vem o sol nascendo agora,
«Podemos inda folgar».
—Vão com a fresca, vão-se embora,
Busquem a sombra, não se queimem,
Meninos, andem, não teimem,
E não me façam falar!..

—Demais, fazem um alvoroço,
Que já despertaram o moço
Que ainda estava à dormir!.
Sabem, que elle tem estado
Padecendo e adoentado,
E tocam a pular e a rir!
Ha meia hora que eu ralho,
Sem que um só fique quieto;
Nenhum de mim cazo faz!.
Quando d'ermos agazalho,
Em baixo do nosso tecto
Encontre o hospede a paz!—

Os meninos se entre-olhavam,
Sentidos com a reprehensão,
E baixinho murmuravam
Palavras de explicação:
«Então, Pedro, eu não te disse? .
—Mas eu não julguéi ser certo .
Cuidei que elle não dormisse . .
Pois vi o seo quarto aberto!—
—Está a avózinha zangada!
Devemos fazer as pazes!—
E todos apressam os passos,
E cobrem a velha de abraços,
Que vae dizendo abrandada:
—Tenham juizo, repazes!—

—«Teremos, mas antes diga
«Qu'inda é muito nossa amiga,
«Senão, apertamos mais .
«Se quizer nos vêr quietos,
«Hade abraçar os seus netos

«Como abraçou nossos pais! . . .»

E já desfeita em carinhos
Ella os une ao coração:
—Meos amores, meos anjinhos,
Sois minha consolação!
Estão contentes, meos senhores,
Meos canarios cantadores,
Já não brigo já sorri? .
Vamos lá, tomem sentido,
Não façam o menor ruido,
Brinquem arredados d'aqui—

—«Muito bem! tudo é conformet.
«Ninguem pule de contente.
«Basta saber que ainda dorme
«O moço que está doente! . .
—Mas ainda a molestia dura?
Então, avó, não tem cura?—

—Está no mesmo, coitadinho!
Desde o dia que chegou,
Quando errado no caminho
N'esta cabana parou;
Vinha de longa jornada,
Breve hospedagem pedio,
Era noite de invernada,
Agazalhou-se e dormio.

Ao acordar no outro dia
Tinha febre e delirava,
Quiz partir, e não podia,
Pois muito tresvariava!
Hontem passou mais tranquillo,
De novo quiz ir-se embora,
Dizendo que tinha pressa,
Porém desmaiou là fóra! . . .
Parece loucura aquillo!
Se não tira, nem uma hora,
A viagem, da cabeça!

Elle não tem só doença!
Do pobre rapaz no rosto
Eu leio fundo desgosto.
Alguma desgraça immensa!
Tão bello, tão delicado,
É pena ser desgraçado!—

—«É bonito, na verdade!
«Se tem pezares secretos
«Nos olhos não os lê ninguém!
«Tão grandes, vivos e pretos,
«E tão cheios de bondade.
«Não lhe parece tambem?

—Sim, Antonio, eu bem o vejo,
É um mancebo formoso,
Mas tem um ar contrafeito. . .—
—«Que pôrte engraçado e airoso,
«Quando eu fôr homem, desejo

«Ser tão alto e tão bem feito!»

—Eu prefiro a barba escura,

Que n'elle fica á matar.

—«Eu gósto mais da doçura

Do seo riso e seo falar!—

—Seja assim; não haja briga,

Mas a avózinha que diga,

Qual de nós tem mais razão. —

«Todos têm. porém é tarde.

«Arriba, que o sol já arde,

«Estão muito quentes seos raios,

«Não sejam tão papagaios,

«Vão tratar da obrigação!.

Eu tambem preciso agora

Dar uma vista á cozinha.—

«Vamos todos sem demora,

«E viva a nossa avózinha!»

Cada um foi para um lado,
O sitio ficou calado.

... ..

Abriu-se uma porta, e lento
Alguem do quarto sahio;
Foi repouzar n'um assento
Que fóra da caza vio.
Que moço tão macilento!
Que rosto tão doentio!
É joven, se a juventude
É não ter comprida idade,
Muito embora a infelicidade
A vida altère e transmude!
Esteja a fronte avincada,
O coração sem mais viço,
A existencia aniquilada,
Era joven, se em verdade
Um joven pôde ser isso. . . .

E o moço falava á sós,
Tendo amargura na voz:
«Não pôsso partir nem hoje!
«Mais um dia que me foge
«N'este horrifico esperar!
«Me devõra febre ardente,
«Languece o corpo doente,
«E devo me demorar!
«Em cada pizada um cardo!
«O meo caminho sem luz!
«Senhor, augmentaes o fardo
«De minha pezada cruz!

«Um anno já é passado
«E o juramento sagrado
«Ainda cumprir não pude,
«Me espera debalde um pae!
«Se a minha missão é rude,
«Santo Deus, me illuminae!

«Sem ter um rumo, sem norte,
«Divago á mercê da sorte,
«Atraz do que eu busco em vão!
..Tenho inquirido debalde,
«Ou na villa, ou no arrabalde,
«Na cidade, ou no sertão!

«Que importa! não desanimo,
«Hade servir-me de arrimo
«A setta que me varou!
«Se ando perdido, á esmo,
«É que procuro a mim mesmo,
«Pois não sou eu que aqui estou!

«Era profundo o meo culto,
«Tão sincero quanto immenso!
«Mas, como vivia occulto,
«Não o notaste sequer!
«Embriagou-te outro incenso,

«Da sereia o amor que mata,
«E preferiste, insensata,
«A ser anjo, o ser mulher!

«Respeitei a flôr querida
«Com a mais pura timidez:
«Outro veio. eil-a colhidat.
«Que inferno! que dôr, Iñez!

«Ai, porque não comprehendeste,
«Que eu te amava com paixão!
«Porque o manto rompestes
«Que te fazia tão santa,
«De tanta pureza, tanta,
«Dentro do meo coração?

«Para tornar-te o meu nume,
«Eu construira um altar,

«No qual ardia o perfume
«De uma paixão singular!
«Quizera que o teu affecto
«Fosse um angelico laço. . .
«Que me ficasse interdito
«Um teu beijo, um doce abraço!
«Que me ficasse secreto
«Todo o mundano prazer. . .
«Tão casto quanto infinito
«Foi assim meu bem-querer!

«Como pois, tão dadivosa
«Eu te vi e não modesta?
«As brancas rosas da testa
«Como um reprobado colheo,
«Essa grinalda formosa
«Que tanto adorava eu!

«Foste cruel, foste ingrata.

«N'essa eleição tão ruim!
«Eras pura, intemerata,
«Devias caber á mim!
«Duas desgraças formaste,
«Quando assim te amesquinhaste
«Co'esse amor sem restricções.
«Elle, o homem temerario,
«Tocou com as mãos o sacrario
«Que não tocou minhas mãos!

«E não te encontro, maldito,
«Que o meo anjo polluiste!
«E estas dôres de precito
«Em minha vida espargiste!
«Serpente tão refalsada,
«Que roubaste a minha amada!
«Mesmo assim já maculada,
«De dizêl-o eu tenho horror!.
«Em minha alma tem morada
«O meo malogrado amor!

«Tormento que não tem nome,
«Tormento de Prometheo!
«Não sacia a voraz fome
«O negro, sanhudo abutre,
«Que de meo sangue se nutre,
«Que móra no peito meo!

«É zombaria da sorte!
«Será castigo talvez!
«Santo Deus, antes a morte,
«Mas venha a morte com Ignez!»

Extenuado e opprimido,
Pela paixão aturdido,
Nesse ponto elle parou,
Tem o semblante desfeito,
Cabe-lhe a fronte sobre o peito...
Parece tronco quebrado
Por um raio que passou!

A velha, que tinha entrado,
Vendo-o quazi desmaiado,
Temerosa se assustou:

—Santa Virgem! que imprudencia!
Sahir do quarto doente!
Isso já passa a demencia,
É não ter pena da gente!
Cahindo assim de fraqueza,
Em tão melindroso estado,
Ao ar frio vir se expôr!
Vejam. a febre sempre acceza.
O pulso mais apressado,
E no rosto extranha côr!
Nem creancinha de peito
Havia fazer igual!
Não sabe qu'isso é mal feito,
Não sabe qu'isso faz mal?—

— «Ralhe bem, Dona Maria,
«Eu confesso os meus peccados!
E o triste moço sorria
Ao vêr da velha os cuidados:
«Mas não se zangue comigo,
«Que sou muito seo amigo
«E lhe devo o coração.
«Tive um ligeiro cansaço,
«Eu precisava de espaço,
«Não tinha respiração!

«Deus vos pague em felicidade
«Quanto pagar-vos não posso.
«Por essa enorme bondade;
«Nem que eu fôra filho vosso
«Achára mais amizade!

—Ta. ta. ta... fale mais baixo,
Virgem Senhora das Dores!

Onde estão os meos favores?
Procuro-os mas não os acho!
Receber quem Deus nos manda,
O perigrino que anda
Pela estrada e se perdeu?
Isso até nos faz ufana,
Porque havendo outra cabana
A nossa Deus escolheu!—

Tratar bem ao caminheiro
E estimal-o por fim?
Se bom foi elle primeiro
Hade a gente ser ruim?
Pois não me estima e me afaga?
Nada me deve, estou paga. . .
O que eu quero é qu'isto mude,
Fique bom, tenha saúde,
Deixe a pressa de partir:
Dê folgas ao corpo e alma. . .
Fique mais dias connosco:

Se o nosso agazalho é toseco,
Vale mais que a chuva e a calma
E tornar a recahir. .—

—«Estou por tudo penhorado,
«Boa mulher, obrigado
«Por tão sincera hospedagem!
«E se por mim se interessa,
«Rogue a Deus que me dê pressa
«E forças para a viagem!
«Cada minuto perdido
«É mais um punhal buido
«Que me lacera as entranhas!
«Se soubesse o que hei soffrido.
«Desgraças fundas, tamanhas!
«Não pôsso gozar ventura,
«A vida cauza-me tédio. .
«O meo mal terá remedio,
«Se tiver. na sepultura!

A velhinha enternecida
Ía fallar, senão quando,
Chega á caza, de corrida,
Um dos meninos gritando:
—Depressa, corra apressada. .
Ánde, venha, minha avó.
Nós a encontramos na estrada
Chorando, que cauza dó.
Tão bella, tão fatigada,
Extraviada e tão só. . .
Faça-a entrar, que está cançada,
Corra, venha, minha avó!

E a boa velha sem tino,
Sem dar acórdo de si,
Foi seguida do menino,
Que disse fóra: «olhe ali!»

O moço tempo não teve

Para seguil-os tambem,
Pois passado instante breve
De volta todos já vêm.
Quazi trazida nos braços.
Com tardos, incertos passos,
Louros cabellos esparsos,
Desalinho no trajar,
Vem com elles a estrangeira,
Chegam da porta a soleira,
Na chóça acabam de entrar.

— «Como está desfallecida!
«Parece que não tem vida.
«Sente-se aqui, minha flôr! . .
A moça, mui commovida,
Antes de acceitar o pouzo,
Ergue os olhos, vê adiante
O mancebo viajante,
Dá um grito estridoroso,
E um deliquio fulminante

Ferio-a como estupor!

O moço vendo-lhe o rosto
Ficou tremulo, decomposto!

Hirto, eriçado o cabelo,
A voz preza na garganta,
A fronte fria de gelo.
Cadaver que se alevanta:
Estatua do pezadello!

.....

.. .. .

Todos corriam em procura
De remedios, de agua fria:
Ficaram os dous... com agonia
O moço por fim murmura:
—Ella! ella! . . . quem diria!

E soubo? será loucura?—

Approximou-se offegante.
 O desmaio ia fúgindo.
 Mal os olhos foi abrindo
 Ella o vio pouco distante,
 E foi quebrada a mudez
 Com um grito: «Rodrigo!—Ignez!»

—«Aqui só! abandonada?—
 —Não me pergunes mais nada!
 Sê generoso. . . perdão!—
 —«Tudo comprehendendo. . . .» E suspira. . .
 Será amor, será ira
 O que tem no coração?

—«E partiste. . . .»—Como louca!—
 A voz é subtil e rouca

Pelos soluços que dá.
Está curvada de vergonha,
Não sabe se véla ou sonha.
Confusa, enleada está!

—«Mas onde teos passos levas? . . .»

—Ando á tôa, sem abrigo,
Por tecto só tenho as trévas.
Uma infeliz onde vac? .—

—«Para um lugar sem perigo,
«Para a caza de seo pae!

—Elle! pois elle me acólhe
Depois do crime que eu fiz? . . .—

—«Um pae não destingue e escolhe
«Filho bom, filho infeliz! .

—«Vem, Iguez. segue comigo. . .»

Ella em silencio ficou.
Depois, as mãos de Rodrigo
Cobrio de pranto e beijou! . . .

CANTO IV



Já houve alguém que explicasse
Porque morre e porque nasce,
Sem motivo uma paixão?
Porqu'espontanea rebenta
A chamma voraz e vasta
Que faz do peito um vulcão?
E porque surge a tormenta
Que escreve sem cauza o «basta»
Lá dentro do coração?

A flôr que germina e cresce.

Que se debruça do vazo.
Diz a este, por acaso.
Porque fulge ou amarellece?
Assim o homem conhece
O poder occulto e vivo.
Que elle não pôde frustrar:
Mas não explica, obedece
Desama, sem ter motivo.
E tórna sem elle a amar!

Aquelle, tranquillo e izento
Hontem tinha alegre paz.
Foi bastante um movimento
E hoje captivo jaz!
Est'outro amava tão forte,
Que duvidava que a morte
Destruisse tanto amor!
Hoje pensa de outra sorte,
Busca enojado outro norte,
Gelou-se aquelle calor!

Luz que cega! desvario
 Muito melhor que a razão!
 Amor, mysterio sombrio,
 Sublime contradicção!

.. .. .

A tarde estava calmosa.
 Era o caminho copado,
 E pela estrada arenosa
 Vinha um cavallo esquipado.
 Traz na sella um cavalleiro.
 E uma dama na garupa.
 A ella e ao seo companheiro
 Triste ideia preoccupa!
 Ambos vêm mudos e graves,
 N'um pensamento embebidos;
 Nem o gorgueio das aves,
 Nem os perfumes suaves
 Os tornam mais distrahidos!

Varios sipós e lianas,
E mil outras enredanças
Dos troncos das ingaranas
Fluctuavam movediças.
Aragem fagueira e grata
Às vezes n'uma rajada
Arrufava toda a matta,
E a fulva areia da estrada.
Da cigarra alem se ouvia
A voz importuna e fina,
De espaço á espaço a harmonia
Das notas da sururina.

Desceram alta ladeira,
Passaram, chegando em baixo,
Tosca ponte de madeira
Sobre um tranquillo riacho.

E sempre a mesma tristura,

Silencio que não tem fim!
E, ha tres horas que dura
Dos dous a jornada assim!

Mancebo, que vás tristonho.
Esse silencio porque?
E o desconforto medonho
Qu'em teo semblante se lê?
Aquella que tanto adoras,
Levas tão junto de ti,
E vão se escoando as horas,
Vae o tempo desperdiçado,
Não pareces namorado,
Mancebo, que vás ahí!

Que pôde dizer o labio,
Por mais sedento e faminto
Que esteja do mel de amor.
Se ainda sente o resabio,

Que lhe deixou o absintho
Repassado de amargor?

Chega a formar-se a palavra.
Que não traz sentida queixa.
Mas amoroso sentir.
E o zelo que ardente lavra
N'aquelle peito, não deixa
A phrase doce sahir!.

Fica a voz estrangulada,
Tenue som não balbucia;
Toda a dor reconcentrada.
Que martyrio! que agonia!
Se a phrase sahir podéra,
Fôra um canto de ternura,
Mas esse impede a razão.
Concorda, mas não procura
Falar-lhe com voz sevéra,

E reina o silencio então!

O pobre moço estremece,
Nem que ferido elle fosse!
Sentindo ter à seõ lado
Aquella por quem padece...
Como fica deslumbrado
Se d'ella o halito doce
Veim no d'elle se embeber!
Perde a côr, e perde o alento,
Não sabe ,se isso é tormento
Ou sensação de prazer!

E ella? Bem longe vaga
Seo pensamento dorido!
Demanda a paterna plaga,
Demanda o cazal florido,
Onde lhe fôra a existencia
Mixto de paz e innocencia!

Ali, menina brincára.
Ali, moça se educára
Tão descuidada e feliz!
Quão bella fôra essa vida,
Como têla entretecida
De mil côres em matiz!

Cheios de luz e venturas
Que dias aquelles seos!
As noutes santas e puras
Tão vigiadas por Deus!

E depois. . . Via um dezerto.
Feio, inhóspito pragal.
Não 'stava n'um ceo aberto,
No seo paterno cal. . .
Era no inferno. . . e bem perto,
Com ella o anjo do mal!
Foi transplantada a bonina

Para uma floresta rude,
Brenha de espinho e de sarça. . .
Deixára também a garça,
Pela lodosa palude,
A corrente cristalina!
Se o seo viver de creança
Recorda cheia de amor,
Do seo amante a lembrança
Vem circundada de horror. . .
Pois elle que promettêra
Adoral-a n'um altar,
Da promessa se esquecêra
Como um amante vulgar!
Em vez da chama tão viva,
Em outro tempo ateadada,
Vio-o alfim tão glacial.
Ella, a branda sensitiva.
Susceptivel, delicada,
Perdêra o seo idéal!

Porisso lembra saudosa
A czinha de seo pae!
Ali, sim, fôra ditosa
N'um tempo que já lá vae!
Pae amante, irmão amigo,
E mais alguém . . . mais Rodrigo!

... ..
.....

Um galho secco do matto
Sobre o cavallo bateo,
Este, sentindo o contacto,
Um pulo assustado deo .

Rodrigo que presentira
A moça balancear,
Mais que depressa acudira
E reteve-a no logar.
Voltando o braço direito,

Apertou-a contra o peito,
 E firmou-a um pouco assim,
 Até vê-la equilibrada
 E novamente assentada,
 Livre do abalo por fim.

Em quanto o moço a abraçava
 De susto, não de carinho.
 Ella confusa corava,
 E o seio tremulo arfava,
 Qual aza d'um passarinho...

.. .. .

Géstos tímidos, rubores,
 Meias palavras, pallores,
 Tristezas, abstracção,
 Ancias, sustos, desvarios,

Suspiros, e calafrios,
 Palpites do coração.
 Formais um todo divino,
 Letras de immenso valor.
 Do poema peregrino,
 Que tem por titulo—*amor!*

... ..

No poente o sol já tomba,
 Vae envolto em negro veo,
 Ao longe o trovão ribomba,
 Não ha fulgores no ceo!
 Nuvens grossas, denegridas,
 Em turbilhão impellidas
 Percorrem de norte á sul.
 Do crepusculo a hora saudosa
 Vae agora tenebrosa,
 Sem luzes, sem manto azul!

Os arvoredos se abalam,
Os troncos rangem, estalam,
Torcidos pelo tufão.
A poeira se enovella,
Redemoinha, e com ella
As folhas seccas do chão!

A chuva se achia eminente,
Está dezerta a estrada, o campo;
Ondula como serpente
Lá no horisonte um relampo!
Rompendo aquella poeira,
Tão movediça e revolta,
Vem um cavallo á carreira.
Desbocado, redea solta.
Passarinheiro e arisco,
Elle ás vezes se espantava,
Quando o clarão do corisco
Ante seos olhos brillava.

Num ponto só concentrado
Do cavalleiro o intento,
Não dava o menor cuidado
Ao animal, que o alento
Já perdia de cançado!
Naquella planície immensa
Não se descobre um cazal.
Sómente a floresta densa
Nesse dezerto areal!
E o cavalleiro anciozo
Procura de balde um pouzo!
O tempo chuvoso e feio,
A noute tão tenebrosa
Receio a elle não faz;
Mas sente vivo receio
Pela dama melindrosa
Que elle comsigo traz...
Porisso redobra de ancia,
E quér vencer a distancia.
Um trovão rebenta rouco,
E troa pela espessura:

—Ignez! o moço murmura,
Sentindo-a tremer um pouco,
—Não tenhas medo, passou. —
Outro trovão estrondou!

—«Rodrigo! . . .» E ella se enlaça
Com elle mais fortemente;
E tinha a voz tão escassa,
Tão abafada e tremente!
Rodrigo tambem tremia,
Mas os trovões não ouvia. . .
Talvez celestes concerto
N'aquelle instante elle ouça,
Pois sente no peito o aperto
Da mão mimosa da moça.
E a fronte que ella pouzára,
Medrosa sobre o seo hombro,
Quando do raio a luz clara
Lhe produzira um assombro! . .
—«Que noite! . . .» dizia ella.

—Não te amedrontes, Iguez.
Pois vae passando a procella.
Já minorou, bem o vès.

Pouco além, na encruzillada,
Existe um velho paiol:
Mais uma hora de jornada
E nós alli chegaremos,
Dormirás bem descaçada,
E a viagem seguiremos
Amanhã nascendo o sol.—

Em quanto isto elle dizia
A negra capa lançava
Sobre a gentil companheira,
Pois a chuva já cahia,
E a moça mal resguardava
Fina cambraia ligeira.

—«Não, Rodrigo . . . estás doente,
 «Não fiques assim exposto.
 E o mancebo meigamente
 Returquo-lhe com desgosto:
 —Minha saúde o que importa?
 Já estou bom. vamos, consente. .—
 Ella emmudece e supporta
 O que elle faz, obediente.

Em quantos raios nãos ares,
 Zunindo se entrechocavam,
 Cá na terra dous olhares
 Deslumbrantes se cruzavam!.

.. .. .

 Quanto poder e eloquencia
 Os olhos às vezes tem!
 A palavra é sem vehemencia,

Não diz tanto, nem tão bem!

...

Só quando, na encruzilhada,
O cavallo alfin parou,
Junto a uma tosca morada,
Foi que o silencio cessou!.

..

.....

x

Nascêra sem sol o dia,
Bom dia para viagem;
Corria no campo a aragem
Branda, olorosa e macia.
Muitas nuvens alvacentas,
Vagarosas, somnolentas,
Se extraviavam no ceo,
Umás, leves como plumas,
Outras, frouxas como espumias,

Que a tempestade varreot.

Ficára lizo e calcado,
Pelo chover prolongado
Da estrada todo o areal,
Não se via o pó esparso,
Se o cavallo dava um passo.
No chão ficava o signal.

Lagrimoso o cajueiro,
Deixa a rezina pendente,
Sem folha e fructo não brilha,
Parece que secco está!
A delicada baunilha
Perfuma aquelle ambiente,
E estrella um longo balseiro
A flôr de maracujá.

Como um rei n'esse deserto.
O páo d'arco é sem rival,
Altivo, todo coberto
Da loura flôr de Natal!

.... ..

Os viajantes deixaram
O hospitaleiro paiol,
E o caminho retomaram
Da manhã ao arrebol.

A natureza se ostenta
Tão seductora e louçan,
De graças tão opulenta,
N'essa formosa manhã;
Respira tanta doçura,
Tanta volupia e enlevo
Esse aprazível lugar,
Qu'elle é completa moldura,

E põe em alto relevo
Áquelle formoso par! .
—Tens febre, Rodrigo. —«Pouca!»
—A redea cabe-te da mão! . .
Voltemos. . —«Ideia louca!»
—Estás fraco, não teimes! —«Não!»
—Que insistencia na partida,
Com uma noute mal dormida?
Enorme cegueira é essa!
Tu baratéas a vida,
Estás doente. . —«Tenho pressa!»

—Toda noute não dormiste.
Gemeste até. . —«Pois ouviste?»
—E não quizeste ficar! —
—«Nada mais sinto. . .» —«Não sentes? . . .»
—«Nada mais. . —Rodrigo, mentes.
Pois que nem pôdes falar! —

—«Bagatellas, não é nada,
«Estou qual creança mimosa. . .»
—Mas tens a fala cançada.
Mas, a febre te devóra.
Estremeces. . . —«Creançada! . .

«O soffrimento que mata
«Não é esse que tu vês,
«O semblante o não retrata,
«Nem a febre e a pallidez! . .
«Esse vive concentrado,
«E, se me vissés córado,
«Sem ter o pulso agitado,
«Me crêras tranquillo, Iñez!

«A compaixão só excita
«Um padecer apparente,
«O que o corpo debilita,
«E n'elle fica sómente!

«Mas a mágoa que aniquila,
«Que solapada se azila
«Nas dobras do coração.
«Que medrosa se recata. . .
«Essa, que importa? não mata,
«Nem promove a compaixão!

—Porém tu! — «Eu nada tenho,
«Modera o infantil empenho
«De ficar me esperam além. . .»
—Onde?— «N'um sitio saudoso,
«Onde eu já tive repouzo,
«Onde foi o meo Edén!

«Sitio amado. Estás chorando?»
«A minha dôr te apiada?
«Já eu disse, não é nada,
«Perdôa te incommodar
«Não creias, estou zombando.

«Olha a linda borboleta,
•Tão verde e desinquieta
«Em torno a nós a voar!»

«Não a afugentes... cautella!
«Apanhal-a é meo intento...»
Mal disfarçando o tormento
Rodrigo sorria, e ella
Tinha o mesmo fingimento.

... ..
... ..

É sitio escuzo e sombrio;
Conduz a elle um desvio
Que ha na estrada real,
Não tem arvoredo basto,
Muito arbusto e matapasto,
Em torno um grande espinhal.

Foi ali uma fazenda,
É hoje triste tapéra;
Por terra o tempo pozéra
Linda caza de vivenda!
Cahira toda inteiriça
A frente, que foi sobrado,
Mas que em ruinas está! . .
Do lado da tacaniça
Inda um resto de telhado,
Sem ter paredes, é lá.

Vae alta a noute, scintilla
A chamma de uma fogueira,
Que da caza está fronteira.
Dentro d'ella alguem se azila.

N'um batente reclinada,
Sobre o capote deitada
Dórme Ignez, Rodrigo vêla

E passeia de vagar.
Ha já trez noutes com aquella.
Qu'elle é fiel sentinella,
Quando a moça, de cançada.
Procura se agazallar!

Como não ser previdente,
Dormindo assim ao relento.
Hontem em rustico cazebre.
Hoje n esta solidão?
Mas, elle que está doente,
Abatido pela febre,
Redobra de abatimento
Com a vigilia e agitação!

Eis-ahi tão junto d'elle
O thesouro que sonhára,
Seo paraiso perdido,
Todo o bem que ambicionou!

Que duro acordar aquelle...
Facho infernal o aclarára.
Eil-o das nuvens calido,
Suas azas alguém quebrou!

Mas, se a tunica nevada
Do anjo fôra manchada,
Se com bruta crueldade
O perverteram por fim,
Quér odial-o de balde,
As suas-iras se somem,
Elle não póde ser homem,
É só amante inda assim!

O desespero qu'o opprime.
É sentir que sua ventura
Ainda móra acolá..
Que seo amor a redime
Do passado, torna-a pura,

Quando polluta ella está!

Eil-a dormindo em abandono,
 Eil-o guardando o seo somno,
 Sem dirigir-lhe um olhar. .
 Quanto recato e respeito!
 E entretanto, em seo leito
 Ella a outrem deo lugar! .

Que cogitar doloroso!
 Que dôres excruciantes
 Curte o mizero amator!
 São de fel os seos instantes,
 Não póde encontrar repouzo.
 Nem ha tormento maior!

.....

Tarda pouco a madrugada;

Ignez do somno acordou,
De mansinho, acautellada
A môça se levantou.
Sobre um degráo assentado
Rodrigo dormia então,
Que dormir atribulado,
Tão cheio de agitação!
Sonhava, soffrendo immenso,
Gemia n'um estertor,
Ignez, de leve com um lenço,
Foi enchugar-lhe o suor. .
Elle accorda, e a mão querida
Sorrindo beija, devóra.
Ella fóge enrubecida,
Quizéra rir, porém chóra.

... ..
..

Riso e pranto! rosa e espinhos!
Conjunto da mesma flôr!.

Lutaes debalde, louquinhos!
Não conheceis os caminhos,
Por onde vos leva amor! .

A força toda é impotente,
Hade vencer a corrente,
Tem mais força e mais vigor
Mancebo, menina, escuta:
Succumbireis n'essa lucta,
Pois combateis contra amor! .

Não conheceis essa chamma
Que mais cresce, e não se esvae?
Sabeis como ella se chama?
É amor! . . . Pois seja—amãe! .

CANTO V



O velho Mauricio estava
Debruçado na varanda,
Quando enxergou da outra banda
Um grupo, que velozmente
Para caza caminhava:
O velho, que pouco via,
Esforçou-se e ponde vêr.
Deo um grito de repente,
Grito de interna alegria,
E sahe da caza á correr!

Quanto vio não acredita,
Não comprehende esse mysterio!.
É uma visão bemdita,
Ou tresvario cruel?
—Minha filha! minha filha!
E já em seos olhos brilha
O pranto do refrigerio,
Que não tem sôro, nem fel!

Era ella, pois não erra
Jâmais a vista de um pae!
Ligeira saltou em terra
E nos seos braços lhe cahe.
Que abraço tão longo e estreito!
Que unido bater de peito!
Que coufundido chorar!
As palavras se misturam,
O que estes labios murmuram
Aquelles vão acabar!

—«Pae querido! . . . —Filha minha!—

—«A vossa benção perdão! .

—Perdão de que, coitadinha!

Entra no meo coração!—

.

Se da phrase interrompida

O soluço era o commento,

Quando expressava-se Ignez:

Interrompia o lamento

Co'uma phrase enternecida

O velho por sua vez!

Para mostrar esta scena

Sómente eximio pintor,

Que pintasse a Magdalena

Curva aos pés do Salvador! . .

.

.

—Como a alegria regressa
A esta triste morada,
Triste porque te perdeo!
Entra, entra, tenlio pressa
De vêr a caza mudada
Sòmente co'um riso teo!.

—Olha: a campina floreja. . . .
Foi adornar-se por ti!
Tudo em torno te festeja,
Tu és esperada aqui!.

—Repara o *Fiel* que salta
Alli junto da cancella.
Elle sentia tua falta.
É ella, *Fiel*, é ella!

—O teo quartinho arrumado.

Em nada foi alterado,
Como o deixaste hasde achar
Eu sómente o visitava,
Bem cedo, quando acordava
Lá ía te abençoar! . .

—Na janella debruçada
Encontrarás a roseira,
Que molhavas de manhã,
E acharás na cadeira,
Junto á portinha da entrada,
O teu vestido de lan! .

—Inda pende da parede
A tua Virgem das Dores,
E nem desarmeí a rede
Pendente dos armadores! .

—Entra, filha, vem comigo,
 E tu, meo-filho e amigo,
 Rodrigo, anda tambem .
 Luiz está na cidade,
 Mas vamos, què na verdade
 Aqui não me sinto bem. . —
 E tendo a filha nos braços,
 Em caza com ella entrou;
 Quem n'elle enxergára os traços,
 Que o antigo pezar deixou?

... ..

 Ao vêr a paterna ancia,
 De tanto amor a expansão,
 Rodrigo, com lentidão,
 Deixou ficar-se em distancia.
 Apenas entraram os dois,
 Elle entraria depois.

O desgosto que o consome,
Como que achára conforto,
Vendo a querida mansão;
Pensava fundo, absorto,
Quando proferem seo nome,
Voltou-se: — «Luiz! . . — «Irmão!

— «Enfim, Rodrigo, voltaste! . .

«Em boa hora chegaste,

«Eu precisava de ti! . . »

O moço responde lento:

— Voltei, e o meo juramento

Todo inteiro não cumpri! . —

— «Pois minha irmã. . . » — Essa veio,

Está lá dentro. — «O que mais ha?»

— A jura ficou em meio,

Prazer completo não tive. . . . —

— «O resto cumprido está. . »

—O infame Carlos. .—«Não vive...»

—Que dizes, Luiz?! .—«Matei-o! . . .»

—Tu! . .—«Mais baixo... escuta cá.

«Fui avizado, ha dez dias,

«Por um fiel emissario,

«Que partira de Caxias

«O seductor - eu parti!

«Disse á meo pae, que á cidade

«Eu ía com brevidade,

«Mas segui o itinerario,

«Que com o annuncio recebi. . .

«Da vingança o fogo ardente

«Em minha mente se ateia,

«E sinto de veia em veia

«O sangue a correr fervente!

«Redobro de impaciencia,

«Nem sei o que ía fazer.

«Mas, dizia a consciencia
«Ser meo direito e dever!

«Foi antes de hontem á tardinha,
«Eu encontrei-o, elle vinha
«Sem pagem, pauzado até. .
«N'aquella matta que corre
«Desde Bemfica e que morre
«Defronte do igarapé.

«Arremecei meo cavallo
«Sobre o d'elle, frente á frente. . .
«Elle de susto enfiou. . .
«Passado o primeiro abalo,
«Cortejou-me o insolente!
«Falou. . . não sei se falou.

«Duas palavras vos péço.

«Noticias de minha irmã.
«De nada mais eu careço,
«Toda outra palavra é van!

«—Sei acazo com quem falo!..
«Sabeis vós com quem falaes?..—..
«E quiz tanger o cavallo,
«Não pude contêr-me mais!..

«Infame! bradei sem tino,
«O que fizeste de Iñez!
«Elle returque:—Menino!—
«Com desdenhosa altivez!

«Minha irmã, que deshonraste!
«Vilão, que a caza manchaste
«Que tão franca te hospedou!.
«Minha irmã... que é feito d'ella?..

«E eu tremia na sella,
«Elle de mim se arredou.

«—Sois um louco, boa noute.
«Deixac meo cavallo, ou então. .—
«Sobre mim ergueo o açoute.

«E cahio, morto no chão.

«A pistóla que me deste.
«Rodrigo, servio-me bem.
«Se é crime, embora!»—Fizeste
O qu'eu faria tambem!

—Deus é justo! d'ora em diante
Podemos respirar
Lavou-se a nodoa infamante,

Que deshonrou nosso lar!
 A nuvem que se antepunha
 Entre Ignez e entre nós;
 Já não vive a testemunha
 Que a fez córar seo algoz!

—Crê que a tua acção foi boa,
 Não ha homem que a condemne.
 És irmão. Deus te abençoâ. .—»
 E grave, calma, solemne
 De Rodrigo a phraze sôa.

—Mas, por agora te cala,
 A teo pae não se revele
 O succedido. eil-o ahi. —
 —«É teo mano, Ignez, é elle!
 «Eu bem sentira sua fatal.
 «Vem abraçal-o. .» E da sala
 Sahe bradando o velho assil.

N'um só vulto rezumidos
Achavam-se ali os trez,
N'um só abraço envolvidos
Mauricio, Luiz, Ignez!

.....

—«Meo Rodrigo, eu te amo tanto,
«Que mais não pôsso te amar.
«O teo serviço por tanto
«Como é qu'eu heide pagar?»

—Que pagamento eu mereço?
Que paga merece um filho?
Da vossa dita eu partilho,
Com ella rejuvenesço!..
A vossa alegria é nossa. .—
Prosequio fitando a moça
Que o mirava com ternura:
—O que vos fiz eu não sei...

Mas se achei vossa ventura,
A minha ventura achei! . . —

...
...

O que seguio-se a este lance
O leitor bem ajuiza.
Pois amoroso romance
Assim sempre finalisa.

· FIM.

IMPRESSÃO DE OBRAS

NA

TYPOGRAPHIA

de

B. DE MATTOS.

A BUA DA PAZ N. 5.

NENHUMA OUTRA IMPRENSA PODE IMPRIMIR COM

maior exactidão, promptidão e a todo o custo

QUASQUER OBRAS VOLUNOSAS, BEM COMO O PROVA O

PANPHLO MARANHENSE, MANUAL ECCLESIASTICO,

AS VARIAS OBRAS.

a Historia da Independencia do Maranhão,

o Amor e Saudade, as Paginas Intimas,

A ESTATISTICA DA PROVINCIA DO CEARÁ,

E AS OBRAS DE J. F. LISBOA,

onde se não encontra um só erro typographico de nota,

o que shama o cuidado com que se ceprinha

em

PROMPTIFICAR TUDO QUANTO É INCUMBIDO

ao proprietario d'este estabelecimento, montado

com excellentes prelos,

NOVOS TYPOS FRANCEZES E PORTUGUEZES

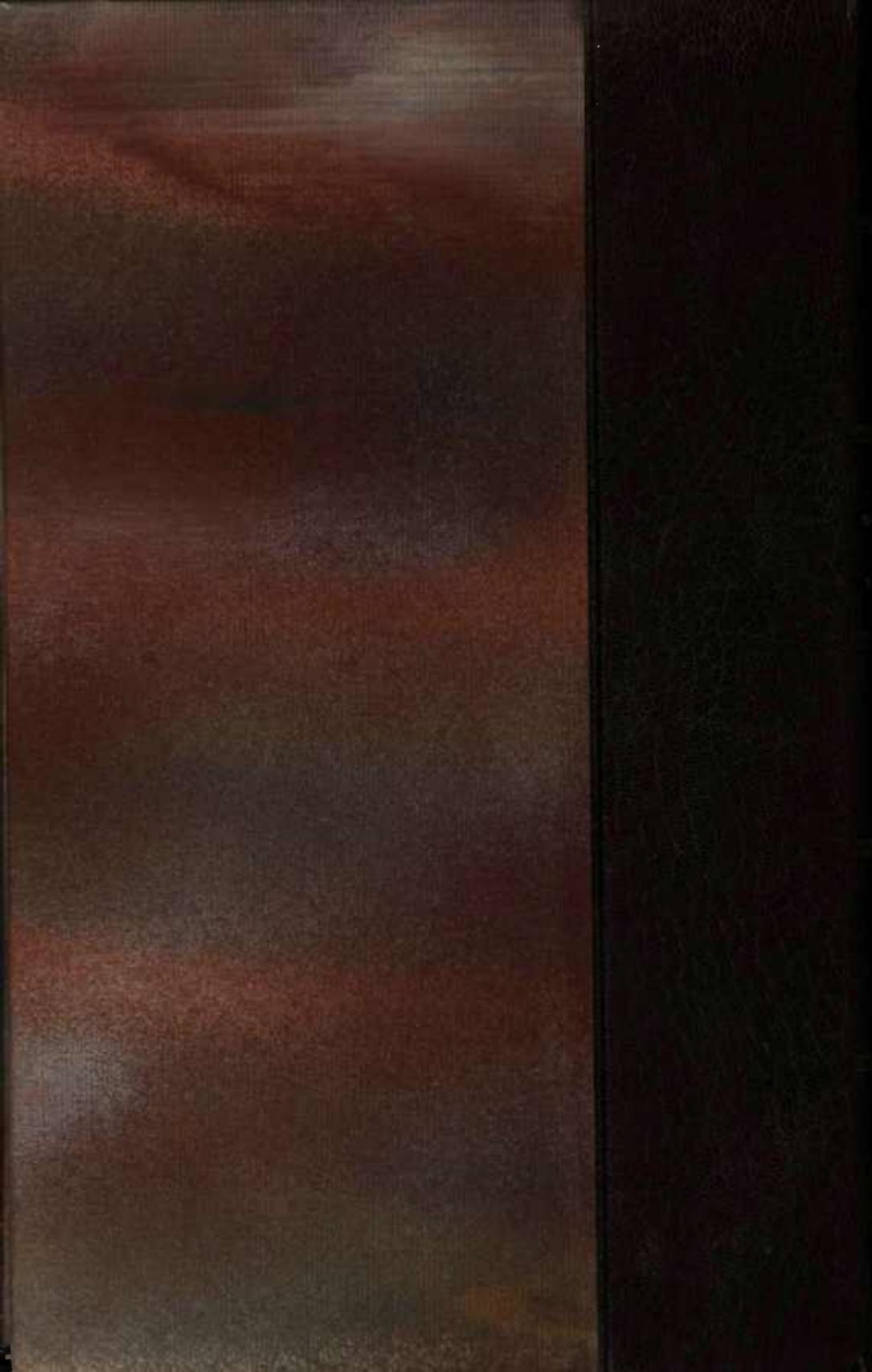
MUI PERFEITOS,

e variadas e primorosas

VINHETAS.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).